



OPINIÃO

O ECOTURISMO NA REGIÃO CENTRAL GAÚCHA

Abdon Barreto Filho

Um produto turístico depende da conjugação de diferentes variáveis, entre elas a geografia, a história e a cultura de uma região. No entanto, só estas atrações não bastam. São necessários equipamentos e serviços adequados para proporcionar ao visitante uma recepção compatível com a sua expectativa. Em outras palavras, ao patrimônio fossilífero da região central do Rio Grande do Sul é imprescindível associar modernas técnicas de marketing, infra-estrutura básica, pessoal qualificado, sem contar a ampliação das investigações científicas com vistas a desvendar o passado e o processo de formação dos fósseis.

O turismo é uma atividade econômica de grande expressão e disputa com a indústria petrolífera a primazia do mercado mundial. Nos últimos anos, tem-se destacado na economia internacional como uma das alternativas mais atraentes para o desenvolvimento de regiões, graças à rápida geração de empregos e rendas que acarreta. Com as inovações constantes, face à competitividade dos mercados e às exigências de consumidores, surgem profissionais, empresas, entidades especializadas, que produzem bens e/ou serviços para clientelas específicas, proporcionando negócios e bem-estar social.

O turismo ecológico, também conhecido como ecoturismo, é o segmento da indústria turística que vem apresentando os maiores índices de crescimento em todo o mundo. As ofertas dos destinos turístico-ecológicos dependem, no entanto, da existência de áreas de valor ecológico e cultural, das formas de organização dos processos administrativos, da infra-estrutura suficiente e da disponibilidade de recursos capacitados. Alguns países já mudaram seus conceitos e pré-conceitos sobre o turismo, principalmente o turismo receptivo, e já montaram ou estão montando programas de desenvolvimento do ecoturismo nos seus territórios. É o caso dos Estados Unidos da América do Norte, que têm no seu sistema de parques nacionais a maior rede de atração turística natural do mundo. Outros países, como o Equador, Quênia, Ruanda, Nepal, para citar apenas alguns, estão utilizando suas potencialidades naturais para atrair milhares de pessoas.

No momento em que a globalização da economia e a melhoria dos sistemas de comunicações mostram exemplos, a região central gaúcha, principalmente Santa Maria, São Pedro do Sul e Mata, poderiam aproveitar suas riquezas fossilíferas para alavancar sua economia e sua cultura. Ninguém pode gostar daquilo que não conhece. Nesse momento, o papel do marketing torna-se importante para delimitar o produto turístico, determinar seu preço, definir seu esquema de promoção, divulgação e distribuição nos mercados interessados.

O produto turístico paleobotânico

Para delimitar um produto turístico é necessário considerar o somatório dos aspectos geográficos, históricos, culturais, equipamentos e serviços. Não basta existir atrações naturais, culturais, históricas. É preciso que haja também equipamentos e serviços suficientes e adequados para bem receber os visitantes. O produto turístico só pode ser consumido no local. Logo, a qualificação exigida e a utilização de modernas técnicas de marketing determinarão os segmentos da

indústria turística mundial que poderiam ter interesse no produto turístico determinado.

No caso de Santa Maria, São Pedro do Sul e Mata, os aspectos geográficos que servem como atrações principais não são devidamente explorados. Talvez por desconhecimento ou por falta de vontade política, os fósseis vegetais e animais da região estão longe de ser valorizados nas pesquisas e nos investimentos. Será que o fato da maior reserva de fósseis vegetais do mundo encontrar-se nestas áreas não mereceria, por parte de entidades governamentais e de empresas privadas, uma política mais agressiva para a ampliação das pesquisas e para o aproveitamento turístico dos locais? Quais são as forças que impedem ali o aproveitamento racional do turismo receptivo, apesar de seu relativo crescimento desde 1984, na cidade de Mata? Será tão complicada a realização de convênios, contratos, acordos, que viabilizem as investigações científicas ainda incipientes e a melhoria da infra-estrutura turística na região? Será que vamos esperar mais duzentos milhões de anos para que o mundo possa conhecer a riqueza paleobotânica do Rio Grande do Sul?

Se o Jardim Paleobotânico delimitado pela Universidade Federal de Santa Maria representa uma grande conquista, o trabalho deve necessariamente prosseguir com a montagem de um museu, de preferência com modernos recursos de som e luz, e o incentivo à continuação das pesquisas, para que se compreenda melhor e daí se admire o fenômeno da natureza que transformou na região a madeira em pedra. Os louváveis trabalhos já realizados são pequenos diante da grandiosidade das reservas paleobotânicas que extrapolam a cidade de Mata. Trata-se de um verdadeiro Patrimônio da Humanidade à espera de reconhecimento.

Outro fato que valoriza em termos turísticos a região central gaúcha é a descoberta, em 1937, do dinossauro mais antigo do mundo – o *Staurikossauro* –, exposto hoje no Museu de História Natural da Universidade de Harvard, Estados Unidos. Os estudos que possibilitariam encontrar novos exemplares estão parados por falta de recursos humanos e financeiros. O assunto já foi tema de reportagens nacionais e internacionais e até o momento nenhuma providência foi tomada. O Brasil, e particularmente Santa Maria, estão perdendo oportunidades de atrair investimentos e pessoas interessadas na questão. Apesar da proximidade do século vinte e um e dos problemas relativos à qualidade de vida, a metade sul do Estado gaúcho ainda não percebeu que as pesquisas paleontológicas e os investimentos no turismo receptivo ecológico podem ajudar no seu desenvolvimento sócio-econômico e cultural.

Um plano de ação imediata para o ecoturismo na região central gaúcha

Devem ser observados os seguintes pontos básicos na elaboração de um Plano de Ação Imediata para o ecoturismo na região:

1. Definição de uma política nacional para os fósseis brasileiros, com leis protetoras e incentivo à pesquisa e ao ecoturismo.
2. Elaboração de convênios nacionais e internacionais que possibilitem a continuidade das investigações científicas, envolvendo prefeituras, fundações, universidades e empresas.
3. Determinação de área para explorações turísticas empresariais através de contratos para parques temáticos, livros, vídeos, entre outros aspectos mercadológicos.
4. Incentivo à capacitação de recursos humanos ligados diretamente ao setor, mediante a contratação de professores e pesquisadores, pelos órgãos oficiais locais, sempre em parceria com a iniciativa privada.
5. Promoção do estudo dos fósseis como estímulo à educação ambiental.
6. Apoio à criação de infra-estrutura para melhor receber visitantes.

* Abdon Barreto Filho é economista, Diretor-Executivo da Planalto Turismo, diretor da Associação de Hotéis, Restaurantes, Agências de Viagens e Turismo de Santa Maria e membro da Câmara de Turismo do Rio Grande do Sul.

Entretanto, a viabilização deste Plano depende, acima de tudo, de vontade política para assumir os fósseis do Rio Grande do Sul como patrimônio histórico mundial e proporcionar meios de preservá-los e explorá-los como produto turístico de raro valor cultural e econômico.



Vista de troncos fósseis no Jardim Paleobotânico de Mata, Rio Grande do Sul.



Utilização de troncos fósseis como elementos da paisagem urbana de Mata, Rio Grande do Sul.
Fotografias: D. A. Bressan.